

## RESUMO EXPANDIDO - DESIGN DE INTERIORES

### INFLUÊNCIA DO DESIGN DE INTERIORES NA MUSICOTERAPIA

*Ashley Vieira Gomes Machado (ashley.vgm03@gmail.com)*

*Alessandra Chaia (alessandra.chaia@unigran.br)*

(i) Introdução: A Musicoterapia se trata de uma integração entre a área da saúde e a arte, promovendo assim o aprendizado, comunicação e expressão para aqueles que buscam este tratamento. Pode ser utilizada em qualquer área que haja demanda, seja proporcionando saúde, reabilitando ou atuando como medida de prevenção, visando sempre a melhor qualidade de vida e, além disso, busca facilitar a organização e a forma de se relacionar dos seus pacientes.

Segundo pesquisa publicada pela revista PLoS One em 2014, estudos analisaram a maneira como o cérebro de uma pessoa reage quando ouve música. A pesquisa contou com a colaboração de musicistas de jazz que tocaram e realizaram uma ressonância magnética ao mesmo tempo. Em tese, foi constatado que assim como certas partes do cérebro humano são estimuladas quando ocorre um diálogo entre pessoas, também acontece esses estímulos quando o sujeito ouve uma música (ASSOCIAÇÃO, 2018).

O tratamento psicológico ainda é encarado como algo grande e medonho, mas, a partir do momento em que as pessoas possam se sentir mais confortáveis tendo um espaço acolhedor para procurar, essa dificuldade de buscar ajuda vai diminuindo pouco a pouco. Portanto, esta pesquisa busca por meio do design de interiores, atender as necessidades daqueles que estão buscando o

processo terapêutico e mostrar que um ambiente bem projetado colabora para bons resultados, trazendo diversos tipos de interação para o paciente incluindo a Musicoterapia.

(ii) Objetivos: O produto final deste projeto integrador será um projeto de design de interiores para um ambiente de tratamento de jovens e crianças por meio da musicoterapia. A proposta de estudo de projeto seguirá alguns passos para uma melhor fundamentação teórica, são eles: pesquisar as fases do tratamento buscado, compreendendo o que é a Musicoterapia, o que ela promove e como age no cérebro e entender como aplicar a Neuroarquitetura no espaço.

(iii) Metodologia: O presente trabalho utilizou-se de bases de pesquisa bibliográfica como google acadêmico e Scielo, além de sites e literatura disponível, numa abordagem qualitativa de caráter exploratório. (GIL, 2022). Foram utilizadas as palavras-chave musicoterapia, neuroarquitetura, bem-estar, design de interiores.

(iv) Resultados e discussões: Benenzon (1988 apud SILVA; CARNEIRO; JESUS, 2018, p. 1) explica que a Musicoterapia “estuda o complexo som-ser humano-som, para utilizar o movimento, o som e a música, com o objetivo de abrir canais de comunicação no ser humano, para produzir efeitos terapêuticos, psicoprofiláticos e de reabilitação no mesmo e na sociedade” Amui (2006 apud SILVA; CARNEIRO; JESUS, 2018, p. 1), concorda que “o som faz parte da vida e, onde há movimento, há som” e que por meio deste, o homem se relaciona com o mundo criando percepções. Apesar dos sons surgirem da natureza, quem faz a música é o homem: “se realiza como uma forma do homem entender, organizar, classificar, interagir, manipular, ser manipulado, construir, desconstruir, enfim, uma forma de se relacionar com o mundo” (SAMPAIO, 2005 apud PUCHIVAILO; FURTADO, 2014, p. 124).

Foi na época da Renascença que alguns médicos demonstraram interesse no nexos entre saúde e música e foi retomada a teoria da época de Hipócrates e Galeno onde os quatro humores do corpo (fleuma, bile amarela, bile negra e sangue) tinham ligação com os quatro elementos da Terra (água, terra, fogo e ar). Acreditava-se que se houvesse alguma instabilidade em um dos humores do corpo, doenças poderiam ser desencadeadas e a música era (e ainda é) considerada equilíbrio. (PUCHIVAILO; FURTADO, 2014, p. 128).

Os impactos psicológicos que a música proporciona ao ser humano e suas probabilidades de ser como uma cura sentimentos angustiantes foram estudados pelo Doutor Robert Burton (1577-1640) na obra "Anatomia da

Melancolia” (BURTON, 1621), sendo um dos primeiros a escrever sobre as consequências da música em procedimentos médicos e levantar a hipótese de que a melancolia poderia se dissipar com a música. Entretanto, o médico alertava que a música como tratamento médico poderia provocar outros tipos de doenças (PUCHVAILO; FURTADO, 2014).

Os efeitos da música no ser humano começaram a ser firmemente estudados e considerados, por meio de estudos experimentais, a ser um tratamento para doenças psíquicas nos séculos XVIII e XIX (PUCHVAILO; FURTADO, 2014), porém só foi devidamente reconhecida em meados do século XX, onde foram nomeados profissionais da área e o surgimento como disciplina. A primeira utilização marcante da Musicoterapia foi durante e após a Segunda Guerra Mundial onde muitas pessoas, tanto na época do ocorrido, quanto depois, sofriam de traumas e transtornos mentais. Um dos nichos terapêuticos utilizados nos hospitais de recuperação criados para tratamento dessas pessoas foi a Musicoterapia.

De acordo com levantamento de Puchiavailo e Furtado (2014), no Brasil a faculdade de Artes do Paraná abriu o curso de musicoterapia em 1970 e a graduação chegou em 1972, no Conservatório Brasileiro de Música (Rio de Janeiro, RJ). Ainda segundo esses autores, os primeiros sinais de pesquisa foram feitos em 1975 por Di Pancaro (Rio Grande do Sul, RS) com abordagem de incentivo do tratamento musical em pacientes psíquicos. Atualmente, a musicoterapia é vista no mundo todo como um tratamento universal e fornece contribuição ao desenvolvimento do ser humano de forma única e indivisível.

Assim como a música proporciona um impacto significativo no psicológico do homem, um ambiente devidamente projetado também proporciona, e isso é principalmente demonstrado na Neuroarquitetura. Villarouco (2021) pontua que a “Neuroarquitetura é um campo interdisciplinar que consiste na aplicação da neurociência aos espaços construídos, visando maior compreensão dos impactos da arquitetura sobre o cérebro e os comportamentos humanos (ANFA apud VILLAROUCO, FERRER, PAIVA, et al., 2021).

É de conhecimento geral que os ambientes projetados pelos Designers de Interiores transmitem mensagens tanto no consciente, quanto no subconsciente do ser humano e interferem no comportamento daqueles que utilizam o espaço (BAPTISTELLI; GIACOMINI, 2021). Ainda segundo os autores, se bem projetado, o ambiente pode fazer com que as ações do homem no espaço sejam mais eficientes. No caso da proposta deste trabalho,

a Neuroarquitetura aplicada corretamente em um espaço de Musicoterapia irá proporcionar para os pacientes bem estar, estimular a recuperação e melhorar a qualidade de vida. Desta forma, é de suma importância que o estudo da neurociência seja executado com cuidado e de forma ética, pois o cérebro é profundamente complicado e está em constantes mudanças, fazendo com que o designer ou arquiteto esteja sempre inteirado no assunto (BAPTISTELLI; GIACOMINI, 2021).

(v) Considerações finais: A revisão de literatura indicou que a musicoterapia e o ambiente devem ser relativos, isto é, o ambiente deve favorecer as experiências com a atividade e deve acomodar os participantes de forma adequada e acusticamente bem preparada. Além disso, os recentes estudos da neuroarquitetura abordam o emprego de cores e vegetação para estabelecer conexões entre o ambiente e o ser humano, ativando áreas do cérebro, bem como a musicoterapia. Por isso, ao atender às demandas do espaço proposto em projeto, serão considerados aspectos plásticos e técnicos que evidenciem essas características.

(vi) Referências:

ASSOCIAÇÃO Bahiana de Medicina (ABM). Música para saúde: os benefícios da musicoterapia. ABM+Saúde, seção +Bem-Estar in seção Blog. Salvador, 21 dezembro 2018. Disponível em: <https://revistaabm.com.br/artigos/musicoterapia>. Acesso em: 10 maio 2022.

BAPTISTELLI, Andressa; GIACOMINI, Queila de Ramos. Neuroarquitetura: Como os ambientes interferem nas nossas emoções e comportamentos. Santa Catarina: II Circuito Regional de Pesquisa, Inovação e Desenvolvimento, 2021.

BURTON, R. Anatomia da Melancolia. Trad. Guilherme Gontijo Flores. Vol. III. Segunda partição: A cura da Melancolia. Editora UFPR. Original de 1621, 2012.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 7. ed. Barueri [SP]: Atlas, Grupo GEN, 2022. 9786559771653. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559771653/>. Acesso em: 10 mar 2022.

PUCHIVAILO, M. C.; HOLANDA, A. F. A história da Musicoterapia na Psiquiatria e na saúde mental: dos usos terapêuticos da música à musicoterapia. Brazilian Journal of Music Therapy, [S.l.], n. 16, 2014. Disponível em:

<https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/230>. Acesso em: 3 maio. 2022.

SILVA, H. M. M; CARNEIRO, R. B.; JESUS, S. N. A Musicoterapia no tratamento de doenças mentais: da gênese ao tratamento psicoterápico. In: Reunião Anual da SBPC, 70, 2018, Maceió. Anais [recurso eletrônico]: resumos da 70ª Reunião Anual da SBPC, 22-28 julho 2018, UFAL, Maceió / Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. São Paulo: SBPC, 2018. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/70ra/>. ISSN: 2176-1221. Acesso em: 3 maio 2022.

VILLAROUCO, Vilma, FERRER, Nicole, PAIVA, Marie Monique, et al. Neuroarquitetura: a neurociência no ambiente construído. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021.